

CAPÍTULO 5

4º Pilar: RESPEITAR E AMAR O PRÓXIMO

A maioria do povo brasileiro ainda não conhece o significado correto da expressão “*amar o próximo como a si mesmo*”. O mau uso da palavra, *amar*, pela nossa arte e pela nossa mídia, que insiste em relacioná-la tão freqüentemente ao namoro e ao sexo, acaba nos confundindo. No entanto, mesmo antes da era cristã, amar era se relacionar com total igualdade de consideração, sem superioridade ou inferioridade e com tolerância às normais falhas e diferenças dos seres humanos.

Amar o próximo (na sua definição mais simples) *é não lhe fazer coisas que nós não gostamos que sejam feitas conosco, e só fazermos o que concordarmos com que também sejam feitas conosco*. O que nós não gostamos de receber, o nosso semelhante também não deve gostar. Se respeitarmos essa regra, nos tornaremos cooperadores um do outro ao invés de destruidores, um do outro, como tem acontecido tão freqüentemente na nossa sociedade. Portanto, precisamos cultivar o amor fraternal para colhermos boa convivência pessoal, familiar e social.

Uma outra questão muito importante também, e que precisa ser esclarecida é que os seres humanos podem ser corrigidos, disciplinados ou recuperados, por intermédio de dois métodos diferentes: O primeiro método é o do “*olho por olho e dente por dente*” (justiça rígida), e o segundo é o de “*dar a outra face*”¹ (amor e compreensão). O primeiro método é mais apropriado durante a fase educativa, isto é, durante o período em que a pessoa em questão ainda está em fase de aprendizado. Nesta fase, a justa punição, induz as pessoas (crianças, jovens ou mesmo adultos) a enxergarem seus erros e recomeçarem novamente. Entretanto, se já tiver transcorrido o adequado período educativo, a

¹ “*Dar a outra face*” – Uma análise detalhada, da Bíblia Sagrada, demonstra que Jesus Cristo não aboliu o primeiro método (do “olho por olho...”). Na verdade, Ele apenas acrescentou um segundo método mais eficiente e mais adequado para determinadas situações, especialmente quando tudo parece perdido ou o confronto é iminente.

punição, ainda que justa, pode produzir ódio e revolta por incapacidade de entendimento da pessoa “mal formada”.

Portanto, após a fase educativa a punição já não funciona mais. Nesses casos, só o amor consegue recuperar o que já estiver perdido (se ainda houver recuperação). Observe que quando uma pessoa má (ou mal formada) comete um erro e recebe uma palavra de amor e compreensão, ao invés de uma punição, ela fica envergonhada e é induzida a meditar sobre a respectiva questão. Esse momento de vergonha e meditação abre espaço para arrependimentos e uma possível recuperação, que pode reverter todo tipo de mau comportamento. No entanto, existe também um problema: se a técnica do amor e da compreensão for utilizada indiscriminadamente, durante a fase educativa, ela pode induzir os mais rebeldes a se tornarem insensíveis e sem-vergonha. Por isso, devemos usar de justiça rígida para educar, e de muito amor e compreensão para reeducar e recuperar.

É importante entendermos, entretanto, que o sentimento de amor não nasce do nada, não nasce de si mesmo, ele só nasce quando se tem verdadeiro esclarecimento e pleno entendimento sobre a respectiva situação ou pessoa em questão. Na verdade, o amor se cultiva com boa educação², muita informação e adequados esclarecimentos, humanos, sociais e religiosos. Povo sem informação, sem discernimento da verdade e sem temor a Deus, dificilmente consegue desenvolver o verdadeiro amor ao próximo.

A origem dos preconceitos

A complexidade da real origem dos preconceitos é uma das grandes dificuldades que o ser humano enfrenta para entender como respeitar e como amar o próximo de forma sensata. Por isso, vamos fazer um pequeno estudo sobre esse assunto no decorrer dos próximos parágrafos.

Os preconceitos podem ser divididos em dois segmentos: um segmento é maléfico à sociedade e o outro benéfico. O segmento maléfico é constituído de preconceitos que resultam em injustiças, e que

² **Boa educação** – Educação que ensine verdades sobre ética, moral, civismo, justiça e amor ao próximo.

são baseados unicamente nas aparências e na empatia. Já o segmento benéfico é constituído de preconceitos que estabelecem a prudência e são baseados em estatísticas reais, nos ensinamentos de Deus ou no instinto humano de autoproteção. Em geral, os preconceitos benéficos são contra doenças contagiosas, imoralidades, comportamentos degradantes, pessoas violentas, drogados, bêbados, más companhias etc. É muito difícil estabelecer o limite correto entre preconceito maléfico e preconceito benéfico. Por isso, a liberdade de interpretação pessoal deve ser sempre respeitada. O povo brasileiro ainda tem muito que aprender sobre relacionamentos construtivos e relacionamentos destrutivos.

É importante entendermos, também, que cultivar o amor ao próximo não implica em exterminar preconceitos da nossa sociedade. Tentar destruir preconceitos à força não é amar o próximo. Na verdade, é cultivar o paganismo e deixar entrar todo tipo de sujeira comportamental na nossa sociedade. No paganismo, tudo é permitido e nada é considerado errado.

Na década de 90, supostos defensores de direitos humanos (agindo como defensores de “anomalias humanas”) deformaram a palavra *preconceito*, a palavra *amor*, a palavra *cultura* e algumas outras. Parece que a intenção era confundir o significado destas palavras abrindo caminho para oficializar práticas pagãs na sociedade brasileira. Na realidade, tudo o que tais pessoas queriam era estimular o homossexualismo, a infidelidade conjugal, os rituais satânicos, a prostituição em diversos níveis e outros comportamentos degradantes e imorais justificando-os como festivos e culturais.

Infelizmente, uma parte da mídia vem usando uma máscara de amor ao próximo para condenar as discriminações de caráter preventivo e apregoar a indiscriminação total e generalizada. Essas pessoas, de ideais utópicos e estranhos, têm atribuído conotações exclusivamente pejorativas, à palavra *preconceito*, para desmoralizá-la e destruir seu efeito preventivo (o lado benéfico). No fundo, querem semear “ervas daninhas” em nosso meio e contaminar a nação com hábitos pagãos.

Ao contrário do que tais pessoas têm apregoado, tudo o que não devemos fazer, nesta área, é praticar a discriminação injusta e precipitada, contra o nosso próximo, seja ele quem for ou quem quer que aparente ser. No entanto, fazer uso de conceitos concebidos de maneira prévia, porém comprovados estatisticamente ou orientado por Deus através da Bíblia, é um direito legítimo porque faz parte do nosso sistema de defesa; todo cidadão deve ter a liberdade e o direito de fazê-lo sempre que achar necessário.

A estrutura biológica humana também faz uso de preconceitos (de anticorpos) para se defender de vírus e bactérias caracterizados como nocivos. Em geral, os anticorpos repudiam os invasores antes que se multipliquem e contaminem todo o corpo (um efeito preventivo de origem natural). A medicina avançada também produz vacinas para desenvolver preconceitos biológicos (do sarampo, da poliomielite, do tétano e de várias outras doenças consideradas infecto-contagiosas). O objetivo é deixar o sistema imunológico preparado para quando o vírus nocivo chegar, o corpo, já vacinado (previamente avisado), esteja prevenido e se defenda antes que o vírus se multiplique e cause maiores problemas. Portanto, o preconceito por si só não é sinônimo de subdesenvolvimento. Na verdade, quando bem usado é sinônimo de prevenção e de prudência. A maioria dos povos civilizados e prósperos desenvolveu-se fazendo separação entre o certo e o errado e o bem e o mal. E, o preconceito, quando fundamentado em experiências reais ou nos ensinamentos de Deus, é um método preventivo que se antecipa ao erro e ao mal evitando a disseminação de maus hábitos e a conseqüente destruição da sociedade.

Se desejamos combater o preconceito injusto, e a discriminação indevida, a solução não é impor igualdade mascarada e fictícia por intermédio de leis. A solução é admitir e esclarecer as diferenças, as aparências e as realidades, para que o sistema de defesa humano as compreenda e não rejeite o que for normal e saudável. Tentar impor qualquer tipo de igualdade, por força de lei, é semear a falsidade, a hipocrisia, o desrespeito e a violência. Na verdade, amar, não é simplesmente compreender, tolerar e querer bem ao próximo. Amar o próximo é também ter a coragem de repreendê-lo e corrigi-lo para que se torne bem-sucedido como ser humano e cidadão.

Já é hora de compreendermos que a liberdade pacífica, de praticar o justo e fundamentado preconceito (o benéfico), é mais útil a uma nação do que a proibição de usar a intuição humana e o prévio conceito como medida preventiva. Só as pessoas inconseqüentes, ou muito inocentes, é que entendem que devemos considerar todo mundo em igualdade absoluta e irrestrita (sejam sadios, doentes, crianças, homossexuais, estupradores, prostitutas, gente de bem, ladrões, aidéticos, etc.). No entanto, as pessoas sensatas e equilibradas, que se preocupam com o futuro da humanidade e que sabem dosar o amor com a disciplina, enxergam a necessidade da moderação nestas questões. Precisamos respeitar o comportamento de cada pessoa segundo seu merecimento individual. Temos que levar em conta o risco de boa ou de má influência que cada um ofereça.

A maioria dos preconceitos tem como principal origem a educação religiosa, principalmente a cristã. Portanto, condenar preconceitos é condenar as religiões. A questão é: como poderíamos condenar o Cristianismo se a maioria dos países desenvolvidos são países cristãos, e se desenvolveram respeitando os preconceitos ensinados na Bíblia?

As idéias de pluralismo e de total igualdade, que estão circulando pelo Brasil desde a década de 90, não são idéias novas. Na verdade, são conceitos pagãos já utilizados, no passado, por vários povos subdesenvolvidos. Tal preocupação brasileira, de combater preconceitos, é compreensível porque o excesso de preconceitos pode realmente retardar a evolução de uma sociedade. Entretanto, a ausência de preconceitos (o paganismo) pode destruir uma sociedade.

Infelizmente, a maioria do povo brasileiro ainda não sabe o que é paganismo. E, o desconhecimento desse assunto tem dificultado a compreensão de certos fenômenos econômicos e sociais. Por isso, vamos tentar esclarece-lo da melhor maneira possível.

O que é Paganismo ?

Antes da era Cristã, há dois milênios, praticamente todos os povos eram pagãos (também chamado por alguns dicionários de “gentios”). Tal

padrão de comportamento era conseqüência da desinformação e da sobreposição do lado irracional sobre o lado racional. (Era como se o corpo "animal" prevalecesse sobre a mente educacional, ou seja, a carne prevalecia sobre o espírito.) Por isso, em algumas regiões eram comuns a promiscuidade, as orgias, as idolatrias e as inúmeras violências. A maioria do povo ainda não conhecia uma educação decente e social procedente do Criador.

Infelizmente, nos anos 80 e 90, alguns dos nossos políticos redescobriram o paganismo, mas acham que inventaram fórmulas evoluídas de conduzir uma sociedade. O modelo pagão ("laico", pluralista, "igualitário" etc.) é o formato mais rudimentar e arcaico de se conduzir uma sociedade. Esse modelo não estabelece limites nem requer sacrifícios éticos e morais dos cidadãos. No sistema pagão, todos podem de tudo e do que bem quiserem sem se preocupar com conseqüências.

Em geral, o paganismo está ligado à ausência de limites, ausência de disciplina e ausência de abdições preventivas de qualquer natureza. No paganismo, é comum a presença maciça de atitudes meramente prazerosas sem nenhuma preocupação com as conseqüências futuras. O efeito religioso (a multiplicidade de deuses, espíritos, orixás e divindades diversas) é apenas o lado mais evidente de um comportamento normalmente "prazeista" e descomprometido com o futuro. (Um comportamento demasiadamente "festivo" onde os desejos do corpo é que controlam a mente e não o bom senso).

No dia-a-dia, o paganismo vai se estabelecendo através da substituição do racional pelo mais prático e prazeroso, isto é, as pessoas passam a se submeter apenas ao que querem e não ao que se deve e a que convém se submeter. As conseqüências ao longo do tempo são fracassos seguidos de fracassos acompanhados de dores e miséria. Tais conseqüências levam as pessoas ao desespero e ao surgimento de adorações a falsas divindades como tentativas de soluções sobrenaturais. Portanto, paganismo não se restringe a insensatas adorações religiosas. Na verdade, é todo um conceito social do qual deveríamos nos afastar o

máximo possível para caminharmos em direção ao sucesso. (Obs: Algumas enciclopédias internacionais definem *paganismo* como o padrão de comportamento social e religioso que não tem procedência profética, ou seja, não procede dos ensinamentos cristãos, judaicos ou muçulmanos).

Karl Marx (o idealizador do comunismo ateísta) identificou a forte ligação entre a miséria e a prática religiosa pagã. Ele só não soube diferenciar o conhecimento religioso pagão (conhecimento oriundo de lendas, mitos e utopias humanas) do conhecimento religioso profético (conhecimento procedente do Deus Criador).

Hoje, já é evidente que o ateísmo de Karl Marx não é solução contra o paganismo. As últimas décadas demonstraram que o marxismo também gera subdesenvolvimento e pobreza, (isso ficou evidenciado na Rússia e no Leste Europeu, no período comunista). No entanto, o Cristianismo, quanto mais genuíno, mais resulta em esclarecimento e prosperidade. O Cristianismo afasta a violência e a miséria dos países que o adotam de forma séria e social.

É verdade que mesmo nos países tradicionalmente cristãos, as gerações que já nascem na prosperidade (nas riquezas obtidas por gerações anteriores), costumam se tornar ingratas e tenderem ao ateísmo. (Este fenômeno vem ocorrendo em alguns países do Primeiro Mundo, como, por exemplo, Holanda e Estados Unidos.) Tal retrocesso pode dar início a um novo ciclo de: problemas diversos, paganismo e pobreza. De qualquer forma, em qualquer fase ou época, o retorno aos princípios cristãos (como fez a ex-União Soviética nos anos 90) é a melhor solução.

Analisando as igualdades e desigualdades

Na década de 90, um teórico amor ao próximo (inspirado na tolerância a imoralidades) incentivou a destruição de vários valores

morais da sociedade brasileira. Infelizmente, se tal tendência não for revertida, certamente levará a nação ao completo paganismo e ao conseqüente retrocesso social. Os retrocessos propiciam múltiplos conflitos internos e em alguns casos podem até resultar em guerras civis como ocorre com certa freqüência no continente africano.

Os políticos brasileiros precisam entender que não adianta retirar as leis, de um dos extremos (do exagero), para colocá-las no extremo oposto (da omissão), ou vice-versa. Os extremos são os geradores do erro para mais ou para menos. Portanto, se desejamos nos posicionar de forma correta, sobre estas questões, temos que assumir uma posição mais intermediária, ou seja, mais moderada e bem distante dos dois extremos.

Os “socialistas” brasileiros (ou ex-comunistas) não se cansam de falar em igualdades “para todos”. É óbvio que é muito mais fácil considerar todas as coisas e pessoas como sendo, “iguais”, do que atribuir seus corretos valores. A igualdade apregoada nos últimos anos, por alguns instrumentos da mídia, não é fruto do amor ao próximo porque cada próximo tem um valor diferenciado. Um ladrão, um trabalhador, um pederasta, uma prostituta, uma mulher do lar, um aposentado e uma criança, não podem ser tratados como se fossem a mesma coisa. Logo, essa publicidade de igualdade total é um equívoco que precisa ser mais bem esclarecido.

A igualdade absoluta e irrestrita sempre foi filosofia de marxistas e de pagãos. Não existe nesse nosso planeta nenhum povo ou nação que tenha se tornado bem-sucedido com estas filosofias em suas sociedades. Portanto, precisamos combater as desigualdades, mas de forma cristã, preservando as diferenças naturais entre homem e mulher, adolescente e criança e certo e errado. Precisamos valorizar, corretamente, cada coisa e cada pessoa a fim de fazermos prosperar apenas o que presta e desestimularmos o que não presta. A igualdade, que devemos promover com todo empenho, é a igualdade de oportunidade. Todos os cidadãos, independentemente de raça, cor, credo, etc., devem ter as mesmas oportunidades na sociedade brasileira. As recompensas, no entanto, devem ser proporcionais ao desempenho de cada um. Isso é respeitar e amar o próximo de forma justa e correta.

Se olharmos ao redor do mundo, com a atenção voltada para esta questão, constataremos que as nações que cultivaram o respeito e o amor ao próximo, em seus cidadãos, sem, porém, privá-los da liberdade de absolver ou de condenar o que entenderam como errado, tornaram-se nações bastante evoluídas. Em linhas gerais, os povos desenvolvidos cultivaram a igualdade de oportunidade, nos estudos, no trabalho e na cidadania, mas respeitaram as diversas opiniões e as naturais desigualdades que caracterizam os seres humanos. Com esta metodologia, conseguiram manter as diferenças econômicas e sociais em níveis pequenos e justos. Além disso, conseguiram purificar sua cultura minimizando as irracionalidades, os maus hábitos, as prostituições, idolatrias, violências, corrupções, espertezas, jeitinhos, etc.

É por isso que precisamos cultivar o respeito e o amor ao próximo na nossa sociedade, nos relacionando de forma justa, tolerante e solidária, mas sem admitirmos a proliferação de maus-hábitos. Precisamos ter consciência de que, diante do Deus Criador, diante desta Natureza e deste mundo que conhecemos, todos nós, cidadãos brancos, negros, índios, simples, trabalhadores, intelectuais ou analfabetos, somos potencialmente iguais (dentro de um contexto geral), e temos a mesma finalidade, o mesmo objetivo e o mesmo valor diante dos olhos do Criador. Portanto, não podemos avaliar o nosso próximo pela sua aparência, mas devemos avaliá-lo pelo seu comportamento, pelas suas atitudes para não alimentarmos comportamentos destrutivos na nossa sociedade.

Precisamos compreender também que a orientação para “*amar o próximo como a si mesmo*”, não é fruto de filosofias “alternativas”, nem trata-se de um mandamento sem propósito ou meramente autoritário. Quando tomamos como exemplo os países desenvolvidos, constatamos que respeitar e amar o próximo é, na verdade, uma forma, concreta, de estabelecer boa convivência social, produzir paz, progresso e união. Se analisarmos o comportamento de uma ou de duas pessoas, é provável que não percebamos este fenômeno. Mas, quando olhamos para uma sociedade inteira, que considera e cultiva este ensinamento, aí percebemos a grande diferença que ele faz. (Obs: os povos que cultivam o amor ao próximo normalmente também cultivam a disciplina e a justiça ao próximo, de modo que um não anula o outro, apenas, complementa).

É certo que se não dermos crédito a este mandamento, e começarmos a explorar o nosso próximo, a oprimi-lo, menosprezá-lo etc., o Criador ao seu tempo nos disciplinará. A maioria dos povos desenvolvidos sabe que Deus usa os recursos naturais para educar e disciplinar as nações. O Criador faz uso do próprio homem, das guerras, do clima etc., para levar os desobedientes a profundas meditações (situações dolorosas), a fim de que aprendam a respeitar a Deus acima de tudo e a amar “seu semelhante”³ tal como a si mesmos. (Obs: só conseguimos enxergar esta realidade quando já sabemos e concordamos que este mundo tem um Criador que o administra até os dias de hoje.) O Deus Criador concede livre arbítrio aos seres humanos, mas disciplina todos os exageros, de modo que povos obedientes e respeitadores, evoluem; povos desobedientes e desrespeitadores, retrocedem.

Nota importante: as gerações obedientes, em cada nação, são normalmente abençoadas; as gerações desobedientes, são disciplinadas na proporção de suas desobediências.

Uma das principais causas, que contribuiu para o desenvolvimento dos povos do Primeiro Mundo, está no fato de que a maioria dos seus cidadãos aprendeu a se respeitar e a se ajudar de forma sensata e sem hipocrisia. Enquanto os “revolucionários socialistas” se preocupavam em estimular várias lutas de classe, os países mais seriamente cristãos se preocupavam em estimular a solidariedade e a união de classes. Já os povos pagãos, que também não deram muito crédito a esse mandamento, continuam achando que conseguirão enriquecer a todos explorando e oprimindo seus próprios concidadãos. Tal metodologia, meio selvagem, estabelece absurdas desigualdades sociais e econômicas entre os próprios cidadãos e empobrece o país. As conseqüências, desse comportamento meio irracional, são os bolsões de pobreza, a violência, os assaltos, seqüestros, extermínios, invasões, etc.

Portanto, se desejamos bem-estar social, desenvolvimento e prosperidade de forma pacífica, precisamos reduzir a hipocrisia e dar mais atenção ao cultivo do amor ao próximo na nossa cultura. Precisamos descobrir o correto uso do preconceito, da discriminação, da tolerância,

³ “Seu semelhante” – Seu empregado, seu patrão, seu freguês, seu inquilino, seu concorrente, seu conhecido, seu vizinho etc...

da igualdade de oportunidade e do justo valor do ser humano dentro de cada posição social. Se agirmos de forma correta, a maioria dos cidadãos brasileiros passará espontaneamente a:

*Praticar o bem, a não ser invejoso, a não se vangloriar inutilmente, a não ser arrogante, inconveniente e interesseiro, a não se irritar e nem condenar precipitadamente, a não se agradar da injustiça mas da verdade. A sofrer junto, a crer, a esperar e a suportar...*⁴

Estas são as principais características práticas do amor em uma sociedade de cultura cristã. Elas têm demonstrado serem eficientes, suficientemente, para desestimular a indiferença, a exploração e os preconceitos indevidos. Em geral, o amor ao próximo desenvolve a solidariedade, o respeito e a união, criando um ambiente mais fértil, mais pacífico e muito mais propício ao desenvolvimento e à prosperidade.

Lembrete aos cidadãos brasileiros

Cultivar o sentimento de respeito, para com o próximo, minimizando as explorações, as desigualdades sociais, os preconceitos sem fundamento, mas usando de bom senso para não misturar o bom com o mau, o sadio com o doente, o perfeito com o podre, o decente com o depravado e o lobo com a ovelha, é uma atitude sensata e está ao alcance de todos nós. Portanto, precisamos reanalisar esta questão e nos dedicar um pouco mais à nossa sociedade. Precisamos restabelecer a conduta cristã (na sua forma mais genuína, sem idolatrias) para colhermos o bem-estar e a paz social que tanto desejamos.

Já é tempo de entendermos que o Deus Criador exerce Sua justiça segundo o merecimento de cada nação. Logo, cabe a nós, simples cidadãos, fazermos a nossa parte também. Precisamos dar mais crédito aos ensinamentos do Criador e nos esclarecer o máximo possível sobre

⁴ **Bíblia Sagrada** – I coríntios cap. 13, vers. 4 a 7. (Texto adaptado). Existem pequenas variações de vocabulário entre as diferentes traduções disponíveis no mercado. Algumas traduções utilizam, inclusive, a palavra “caridade” no lugar da palavra “amor”.

todos estes assuntos. Na verdade, o povo brasileiro precisa entender como se comportar de forma a merecer os resultados sociais e econômicos que há muito tempo deseja.

Veja os demais capítulos em:

<http://renascebrasil.valvimdutra.com.br/livro-renasce-brasil.php>